

Desde a Antiguidade a lepra foi tratada como sinal de impureza ou pecado. Durante séculos, a regra foi uma só: discriminar os doentes e privá-los do convívio social. Moacyr Scliar¹

INTRODUÇÃO



Iconografia sobre Lepra. FONTE:
<http://tesorodigital.com/contenido/galeria/lepra-dibujos/>

O caro aluno já ouviu falar da chamada doença Hanseníase? Não?! Contudo, muito provavelmente você já ficou sabendo de uma enfermidade conhecida popularmente com o nome de lepra. Trata-se da mesma doença. Essa enfermidade também é conhecida como mal de Lázaro ou morfeia. Mas o que isso tem a ver com Itaboraí? O município, na década de 1930, passou a abrigar institucionalmente inúmeros doentes de Hanseníase, oriundos de vários lugares do Brasil, como parte de um plano político sanitário federal de internação compulsória (obrigatória), que seria, no caso de Itaboraí, efetivado com a construção de um hospital-colônia especializado na doença. Alguns enfermos internaram-se ali espontaneamente, mas outros eram detectados pela Guarda Sanitária - detentora de força policial - e levados contra sua vontade².

Ainda em uma conjuntura de desconhecimento total da cura e de preconceitos difundidos socialmente pela ignorância e pelo medo, a intenção da administração federal era profilática, ou seja, de prevenir que a enfermidade não se propagasse ainda mais. Porém, igualmente, o governo estava dedicado estrategicamente a tornar o país mais atrativo à mão de obra imigrante, devido ao período de investimento governamental, na modernidade, com as construções das chamadas indústrias de base³, entre outras motivações⁴.

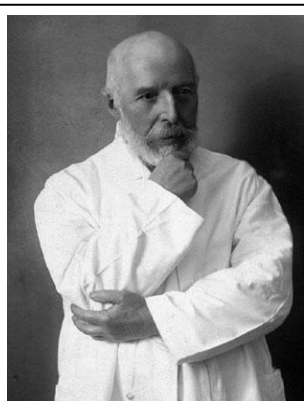
¹ Ver “Lepra: A doença do estigma”. Fonte: <http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/lepra-doenca-estigma-434502.shtml>

²CAVALIERE, 2013,p.92.

³Indústrias que produzem matérias-primas para outras empresas, produzindo máquinas e/ou as próprias matérias-primas. São igualmente conhecidas como indústrias pesadas ou de bens intermediários, como, por exemplo: siderúrgicas, metalúrgicas, petroquímicas, indústrias de cimento, etc. Para saber um pouco mais sobre esse assunto, leia o texto 08 da primeira Olimpíada da História de Itaboraí, na Plataforma da Olimpíada, na pasta "biblioteca".

⁴CAVALIERE, 2013, p.82.

A DOENÇA, SUA SIMBOLOGIA E UM BREVE HISTÓRICO



Gerhard Hansen FONTE:
<http://leprosyinfo.blogspot.com.br/2011/11/interesting-acts.html>

Conhecida comumente como lepra, hoje a doença leva o nome Hansen, do cientista descobridor do microrganismo causador da moléstia, doutor Gerhard Hansen.

A título de curiosidade, foi feita uma Lei no Brasil (número 9010), de 1995, na gestão do presidente Fernando Henrique Cardoso, que proíbe a utilização do termo “lepra” em documentos oficiais da Administração da União e de seus Estados-membros. Por que isso? O termo lepra (também a derivação leproso) tem um peso histórico e social negativo, trazendo em si a ideia - equivocada e preconceituosa - de algo perigoso, ruim, em que cujo convívio é desagradável, sendo a pessoa enferma perversa, repugnante e nojenta.

Assim, passaram a ser utilizados termos com menor simbolismo negativo como doença de Hansen ou doentes de hanseníase.

A lepra é considerada uma das doenças mais antigas do mundo, com indícios históricos não escritos que remontam a quatro mil anos. Os primeiros registros escritos datam de 1350 A.C. no Egito Antigo. Existem referências também na Grécia Antiga, Roma Antiga, China, Índia etc.

Durante milênios, se apresentou como uma doença incurável e, por não haver remédios, propagava-se de indivíduo a indivíduo por secreção nasal, espirro, tosse e outras formas de contato com a saliva infectada. Caro aluno, definitivamente a doença jamais fora transmitida por relação sexual; por meio de copos, pratos e talheres lavados, assentos; apertos de mão, abraços, contatos rápidos em transporte coletivos, por exemplo; picada de inseto; aleitamento materno; doação de sangue; herança genética ou adquirida na gestação. Além disso, hoje, com a existência de medicamentos apropriados, assim que se começa o tratamento a pessoa deixa de transmitir a doença⁵.

O bacilo de Hansen tem um grande poder de transmissibilidade, mas poucas pessoas adoecem, haja vista que a maioria apresenta defesas imunológicas contra o microrganismo. Entretanto, a doença pode demorar anos para se manifestar e, se não tratada, ataca os nervos periféricos e deforma o corpo, tornando-o difícil de ser visto pelo impacto causado. Desse modo,

A lepra é uma afecção de todo o corpo. Provoca pústulas e excrescências, a reabsorção dos músculos, principalmente o de entre o polegar e o indicador, a insensibilidade das extremidades, gretas, e afecções cutâneas. São sinais que anunciam o fim, a corrosão da cartilagem entre as narinas, mutilações das mãos e dos pés nuns casos, aumento da grossura dos lábios e nodosidades em todo o corpo, dispneia e voz rouca⁶.

⁵ Para maiores detalhes, confira o site
<http://www.saude.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=2799>

⁶ BÉNIAC, 1985, P.127 apud CAVALIERE, 2013, p.56.



A Morte Negra. Miniatura da Bíblia Toggenburg, 1411.
Artista Desconhecido.

FONTE: http://2.bp.blogspot.com/-4qeoK_elVoU/T6VmkK8mUoI/AAAAAAAAAEvw/DxgPm3A-5xc/s1600/800px-Smallpox01.jpg

Por outro lado, ou seja, na contramão do que foi mencionado, também existem registros de relações envoltas por paixões, de pessoas que, movidas por bondade e pelo respeito ao próximo, acolheram os doentes, relacionaram-se, conviveram e, por amor, até constituíram família com portadores de hanseníase. E não somente em Itaboraí.

O HOSPITAL-COLÔNIA TAVARES DE MACEDO E A POLÍTICA DE ISOLAMENTO EM ITABORAÍ

Desde o século XVIII, já havia uma preocupação no Brasil de se isolar os doentes de hanseníase, haja vista a construção de abrigos e hospitais nas cidades onde existia um maior número de enfermos. Como vimos, no século XX, sobretudo após 1920, foi incentivada a promoção de políticas sanitárias visando o isolamento dos enfermos através de internações obrigatórias. Porém, por questões econômicas, precariedade no campo biomédico e pelo momento político conturbado⁷, somente em 1935 é que foi possível viabilizar a construção de leprosários no território nacional, com apoio do governo varguista modernizador. Foi nesse contexto que Itaboraí foi escolhida como área ideal para a edificação de um hospital-colônia, o qual abrigaria compulsoriamente os doentes de hanseníase, oriundos, como mencionado, de várias partes do Brasil⁸.

⁷O contexto político na década de 1920 foi muito conturbado devido à proliferação de inúmeras revoltas e movimentos de contestação como o movimento Tenentista; a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana; o movimento de Borges de Medeiros no Rio Grande do Sul; a Revolta de 1924 de São Paulo; a Coluna Prestes; e ainda o avanço do movimento operário.

⁸CAVALIERE, 2013, p.81.

O plano federal de isolamento compulsório foi posto em prática devido à transmissão incontrolável da doença e pelo desconhecimento de sua cura. Além disso, o país passava por mudanças de modernização nos campos econômicos, de direitos e ganhos sociais, com o projeto industrializante federal de grande porte e a inédita legislação trabalhista e previdenciária. Desse modo, havia uma maior pressão para que fosse dada uma saída às inúmeras doenças epidêmicas que amedrontavam a sociedade, entre elas a lepra, manchando a imagem de modernidade e civilização que o governo do presidente Getúlio Vargas queria passar⁹.

*A lepra era vista como uma ameaça a mais à civilização, à raça e à nação, assim como outras doenças*¹⁰, podendo atrapalhar a vinda de imigrantes considerados como força de trabalho capacitada importante para o processo de industrialização e, igualmente, como indivíduos, brancos, fundamentais para os projetos científicos de cunho racista que defendiam a eugenia¹¹. Nesse sentido, o objetivo era “branquear” a sociedade brasileira considerada por vários estudiosos da época¹² - baseados, dentre outros estudos, nos escritos de Nina Rodrigues¹³ - degenerada, pela quantidade de negros e miscigenados (mesclados). A lógica era: branquear para civilizar o país¹⁴. Infelizmente, caro aluno, um absurdo que ainda se manifesta, até hoje, no imaginário de muita gente. Não reproduza essa ideia, ok?!

ITABORAÍ: LOCAL IDEAL POR QUÊ?

O município de Itaboraí foi selecionado por conta de sua posição logística privilegiada. Na época, também foram indicados os municípios de Maricá e Saquarema. Contudo, Itaboraí foi a alternativa mais vantajosa por *possuir duas estradas de rodagem e uma de ferro ligadas à cidade de Niterói, próxima ao Distrito Federal* (à época, a cidade do Rio de Janeiro), *além de dispor de uma grande área com terrenos elevados de vegetação abundante e um rio* (o rio

⁹Idem, p.82

¹⁰Idem.

¹¹Resumidamente “trata-se de uma ciência de aperfeiçoamento da espécie humana por meio de casamentos entre os chamados ‘bem dotados biologicamente’, ou seja, brancos, e o desenvolvimento de programas educacionais para a reprodução consciente de casais saudáveis, ou seja, brancos com brancas. Os métodos propostos pelos entusiastas da nova ciência, porém, não se resumiam à criação de um ‘haras humano’, povoando o planeta de gente branca, sã, como propunham os defensores da ‘eugenia positiva’. No outro extremo, a ‘eugenia negativa’ postulou que a inferioridade é hereditária e a única maneira de ‘livrar’ a espécie da degeneração seria utilizar métodos como a esterilização, a segregação, a concessão de licenças para a realização de casamentos e a adoção de leis de imigração restritiva.” Para maiores detalhes acesse:

http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/eugenia_a_biologia_como_farsa_imprimir.html

¹²Por exemplo, os letrados Belisário Penna (1868-1939), Edgar Roquette Pinto (1884-1954), Monteiro Lobato (1882-1948), Octávio Domingues (1897-1972), Oliveira Viana (1883-1951), Renato Kehl (1889-1974), Arthur Neiva (1880-1943) entre outros.

¹³Nina Rodrigues defendeu ideias consideradas hoje racistas, mas entendidas, na época, como científicas e avançadas. “Considerava algumas raças inferiores a outras e era contra a mestiçagem”. Ver: <http://www.abfhib.org/FHB/FHB-03/FHB-v03-13-Marcia-Neves.pdf>

¹⁴Para mais detalhes ver: <http://www.univesp.ensinosuperior.sp.gov.br/preunivesp/4273/a-pol-tica-imigrat-ria-brasileira-do-primeiro-governo-vargas.html>

Iguá), *este fundamental para a realização do projeto de uma colônia agrícola autossustentável*¹⁵



Em 20 de agosto de 1938, Getúlio Vargas, ao centro, e Gustavo Capanema, ao seu lado esquerdo, no desembarque em Itaboraí - RJ, para a inauguração do Leprosário do Iguá.

Fonte:

<https://www.facebook.com/itaborai.antigo/photos/a.472423699528372.1073741836.255539327883478/472423882861687/?type=1>

Em 1938, o Hospital-Colônia Tavares de Macedo foi oficialmente inaugurado pelo presidente Getúlio Vargas, em um terreno comprado onde existia uma fazenda. Antes mesmo da inauguração, já estava funcionando na antiga sede da fazenda, uma enfermaria adaptada, acolhendo os primeiros enfermos.

A construção do leprosário mexeu com a sociedade itaboraiense, gerando protestos. Havia a desconfiança de que *a instalação de uma instituição como essa desvalorizasse os terrenos ao redor e, além disso, havia o medo por parte da população, de conviver próximo a um leprosário, com todas as histórias e os mitos que relatavam sobre os leprosos*¹⁶.

Independente disso, caro aluno, o hospital prosperou, mesmo com a não aprovação social.

UM POUCO DA VIDA NA COLÔNIA TAVARES DE MACEDO

Querido aluno, como mencionamos, inúmeros enfermos se deslocaram voluntariamente ou foram mandados compulsoriamente à CTM - Colônia Tavares de Macedo, e lá estabeleceram suas vidas – à época, não havia alternativa, a não ser viver na clandestinidade. A CTM possuía características de uma cidade, planejada para adaptar e separar, com administração, organização, fiscalização e até uma guarda interna. Inicialmente, ser enviado para a colônia era ter a plena noção de que não seria apresentada nenhuma cura para a doença. Naquele momento, a vida estava fadada ao definhamento físico e psicológico. Por conta do risco do contágio, os enfermos não podiam receber quaisquer visitas – incluindo familiares, vivendo sob uma rígida fiscalização.

Por outro lado, a interação entre os doentes e destes com o mundo externo se deu em um fluxo que nem a política de isolamento pôde interromper. Inicialmente, como forma de resistência, os doentes passaram a reconstruir uma *nova vida “dentro dos muros da colônia”* e

¹⁵Id., Ibid., p.84.

¹⁶Id., Ibid., p.85.

*socializar-se foi o grande passo em direção à liberdade*¹⁷. Sendo assim, os pacientes, internamente, formaram novas famílias, se apoiaram e se ajudaram enquanto comunidade, o que lhes deu força e confiança para enfrentar os obstáculos e almejar um futuro mais promissor.

FIGURA 4: FOTOS: a) e b) A primitiva colônia agrícola de leprosos do Iguá e o início da Colônia Tavares de Macedo, inaugurada em 28/08/1938. c) A entrada da sede do novo leprosário; d) Rio Iguá; e) Posto Médico, vendo-se o Dr. Lauro Motta; f) Entrada do Refeitório Geral.



FONTE: SOUZA-ARAÚJO.

Fonte imagem: SOUZA-ARAÚJO apud CAVALLIERE, p.86

Enquanto durou o isolamento compulsório, mesmo com a fiscalização rígida, existiram fugas, movidas pela saudade da família e da sociabilidade com o mundo exterior, onde sofriam preconceitos, mas, igualmente, estabeleciam contatos envoltos em solidariedade e satisfaziam seus desejos sexuais – no caso dos homens, em prostíbulos da região.

As interações também se consolidaram através das festividades realizadas na própria Colônia, como bailes, bingos, festas carnavalescas, festividades juninas, concursos de músicas e poesias dentre outras, as quais, gradativamente, com o afrouxamento da política de isolamento, foram envolvendo o mundo exterior.

¹⁷Id., Ibid., p.92.

Os eventos sociais na Colônia começaram desde o final da década de 1940 com a participação de pessoas de fora. Em 1948, surgiram times como o *Modelo* e o *Ypiranga* que facilitaram também a integração não somente entre os enfermos, como também entre os doentes e pessoas saudáveis, minimizando o estigma negativo da doença. Era o esporte unindo indivíduos e estreitando laços, entre outros benefícios. Os bailes de carnaval também eram animadíssimos e lotados, não apenas por moradores da colônia. O bloco carnavalesco *Anjos Inocentes*, composto por internos, chegou a ganhar várias disputas na principal avenida da cidade¹⁸. Desse modo, *o futebol e as festividades tais como festas juninas, os festivais da canção e os blocos carnavalescos representaram uma grande estratégia de resistência. Ao reunirem na Colônia, moradores da cidade, e na cidade, moradores da Colônia, promoveram a integração dos dois grupos*¹⁹.

Caro aluno, no que ainda se refere ao processo de inter-relação, é importante considerar que a conexão entre os enfermos e as pessoas de fora também se deu intermediada por instituições religiosas, por exemplo, pela atuação da Igreja Católica e de Igrejas protestantes que foram se constituindo e promovendo, para além dos cultos em si, conexões fraternais dos de dentro com os de fora - e ainda hoje não é diferente.

A CURA E O FIM DA POLÍTICA DE ISOLAMENTO COMPULSÓRIO

No que se refere à política de isolamento obrigatório, o panorama começou a mudar já na década de 1940, com a utilização da droga chamada sulfona-mãe (DDS), que inicialmente demonstrou bons resultados, sendo utilizada em larga escala em 1950. Em 1962, foi decretado o fim da política de isolamento compulsório e, a partir daquele mesmo ano, começaram a ser utilizadas mais duas drogas: a clofazimina (CFZ) e a rifampicina (RMP), que contribuíram para a cura quase definitiva da doença. Na década de 1980, foi descoberta a plena cura, com a chamada poliquimioterapia (PQT), associada ao uso das três drogas mencionadas. Em 1991, o Ministério da Saúde oficializou o tratamento, recomendando-o para todos os casos de Hanseníase. Esse tratamento vigora até hoje.

O controle na CTM não conseguiu conter as redes de sociabilidade entre internos e externos que foram sendo estabelecidas, muitas vezes contra as regras internas da Colônia. Até a década de 1980, sobretudo com o sucesso das medicações, muitos pacientes obtiveram alta, residindo com suas famílias em locais próximos da Colônia. Além disso, muitos se tornaram funcionários no Hospital.

No avançar da década de 1980, houve modificações nas regras internas. Nesse sentido, por exemplo, extinguiu-se a proibição de que pessoas sem a enfermidade não podiam residir no

¹⁸Id., Ibid., p.103.

¹⁹Id., Ibid., p.99.

núcleo central da Colônia, inclusive crianças, muitas vezes filhos e netos de portadores de hanseníase. Além disso, foi também abolida a guarda interna a qual tinha como função manter a ordem e a disciplina, o que teve como consequência a desativação da cadeia, para onde muitos transgressores dos regulamentos eram levados²⁰.

Enfim, atualmente, pessoas portadoras ou não da enfermidade vivem e convivem no espaço interno da Colônia, que foi, este ano, elevada à categoria de bairro, cujos moradores receberam seus títulos de propriedade, possibilitando aos mesmos transmitir seus imóveis para seus descendentes. Tais títulos de propriedade virão facilitar a prestação de uma série de serviços públicos que estavam até então restritos a sede do hospital, como o de energia elétrica, saneamento, pavimentação e de serviços de correspondência²¹.

Essas mudanças positivas revelam o resgate da dignidade dessas pessoas e da comunidade colonial como um todo. Enfim, tais alterações só foram possíveis, entre outros aspectos, pelas reivindicações históricas alicerçadas nas formações de inúmeros lares; de vivências e identidades construídas, cheias de memórias e histórias, conquistas e derrotas, dores e alegrias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALIERE, Ivonete Alves de Lima. "Memória do Isolamento Compulsório no Hospital-Colônia Tavares de Macedo - RJ (1936-1986)". Tese de Doutorado, Niterói, UFF, 2013.

MORPHAN. "Projeto Acervo - Pela Recuperação e Preservação dos Registros Históricos dos Hospitais-Colônia". In. Cadernos do Acervo - Movimento de Reintegração das Pessoas Atingidas pela Hanseníase – MORPHAN. Rio Grande do Sul, 2010. Disponível em: http://www.morhan.org.br/views/upload/caderno_06_acervo_BAIXA.pdf. Acesso em: 16 de agosto de 2014.

²⁰Id., Ibid., p.93.

²¹Para maiores detalhes ver link: <http://www.jb.com.br/rio/noticias/2014/01/29/moradores-de-ex-colonia-para-pessoas-com-hanseníase-recebem-documentos-de-casas/>